



Indicadores para a depressão em mulheres durante o climatério

Indicators for depression in women during the climacteric period

Indicadores de depresión en mujeres durante el climatério

Édely Beatriz da Silva Moraes¹, Lisbeth Lima Hansen¹, Carlos Herbert Sousa de Moraes¹, Lannay Marães da Costa¹, Thullyan de Souza Rolim¹, Janaína Ribeiro Monteiro¹, Bruna Paloma de Brito Cuesta¹, Thais Barroso Oliveira¹, Ana Caroline Coutinho de Oliveira¹, Gealdre da Silva Meireles Junior².

RESUMO

Objetivo: Demonstrar os indicadores de depressão em mulheres durante o climatério. **Métodos:** Trata-se de um estudo observacional, transversal e de abordagem quantitativa, envolvendo uma amostra de 77 mulheres na faixa etária entre os 40 e 65 anos, usuárias de uma Unidade Básica de Saúde da Família - UBSF da cidade de Manaus, onde a sintomatologia climatérica e as manifestações de quadros depressivos foram avaliadas, respectivamente, pela Escala de Avaliação da Menopausa (Menopause Rating Scale - MRS) e o Inventário de Depressão de Beck (Beck Depression Inventory - BDI). **Resultados:** No MRS constatou-se que 96,1% das entrevistadas apresentaram sintomatologia climatérica, prevalecendo a intensidade severa em 57 participantes (74%) sendo a Irritabilidade, Problemas de sono, Problemas musculares, Esgotamento Físico e Mental e a Ansiedade os sintomas mais presentes. A manifestação de sintomas indicativos de depressão, por meio do BDI, demonstrou-se alarmante, apresentando-se em 74% das entrevistadas, sendo prevalente a classificação de depressão leve a moderada. **Conclusão:** Os sintomas apresentados durante o climatério parecem contribuir para a manifestação de quadros depressivos.

Palavras-chave: Climatério, Depressão, Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: To demonstrate the indicators of depression in women during the climacteric period. **Methods:** This is an observational, cross-sectional study with a quantitative approach, involving a sample of 77 women aged between 40 and 65 years, users of Family's Health Basic Units (Unidade Básica de Saúde da Família - UBSF) in the city of Manaus, where climacteric symptomatology and manifestations of depression were assessed, respectively, by the Menopause Rating Scale (MRS) and the Beck Depression Inventory (BDI). **Results:** In the MRS it was found that 96.1% of the interviewees presented climacteric symptoms, prevailing the severe intensity in 57 participants (74%) being Irritability, Sleep problems, Muscular problems, Physical

¹ Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus - AM.

² Universidade Estadual do Pará (UEPA), Santarém - PA

Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

SUBMETIDO EM: 3/2023

ACEITO EM: 4/2023

PUBLICADO EM: 6/2023

and Mental exhaustion and Anxiety the most present symptoms. The manifestation of symptoms indicative of depression, through the BDI, was alarming, presenting itself in 74% of the interviewees, with a prevalence of mild to moderate depression. **Conclusion:** The symptoms presented during the climacteric period seem to contribute to the manifestation of depressive conditions.

Keywords: Climacteric, Depression, Nursing.

RESUMEN

Objetivo: Demostrar los indicadores de depresión en mujeres durante el climaterio. **Métodos:** Se trata de un estudio observacional, transversal, con abordaje cuantitativo, involucrando una muestra de 77 mujeres con edad entre 40 y 65 años, usuarias de una Unidad Básica de Salud de la Familia - UBSF de la ciudad de Manaus, donde la sintomatología climatérica y las manifestaciones de cuadros depresivos fueron evaluadas, respectivamente, por la Escala Menopause Rating Scale (MRS) y por el Inventario de Depresión de Beck (Beck Depression Inventory - BDI). **Resultados:** En el MRS se verificó que 96,1% de las entrevistadas presentaron síntomas climatéricos, prevaleciendo la intensidad severa en 57 participantes (74%) siendo Irritabilidad, Problemas de sueño, Problemas musculares, Agotamiento físico y mental y Ansiedad los síntomas más presentes. La manifestación de síntomas indicativos de depresión, por medio del BDI, demostró ser alarmante, presentándose en 74% de los entrevistados, siendo prevalente la clasificación de depresión leve a moderada. **Conclusión:** Los síntomas climatéricos parecen contribuir a la aparición de cuadros depresivos.

Palabras clave: Climaterio, Depresión, Enfermería.

INTRODUÇÃO

O climatério é um período de transição no ciclo biológico da mulher definido, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1996), como uma fase biológica e não patológica da vida que compreende a passagem entre o período reprodutivo e o não reprodutivo, caracterizado por uma duração variável, ocorrendo habitualmente entre os 40 e 65 anos (FEBRASGO, 2010). A menopausa é um marco importante dessa fase, correspondendo ao último ciclo menstrual da mulher e seu diagnóstico é feito de forma retroativa, após 12 meses consecutivos de amenorreia (BRASIL, 2008).

O envelhecimento populacional é uma realidade demográfica brasileira e com o aumento expressivo da expectativa de vida das mulheres no país, estimada em 80,5 anos (IBGE, 2021), calcula-se que o climatério está presente em um terço da vida das mulheres, abrangendo um período relativamente longo (FREITAS EV, et al., 2017; CURTA JC e WEISSHEIMER AM, 2020). Como resultado, espera-se um aumento contínuo da busca dos serviços de saúde com queixas referentes aos sintomas climatéricos (LORENZI DRS, et al., 2009).

Caracterizado por sua complexidade, o climatério é um estágio influenciado pelo contexto na qual a mulher está inserida, cujo os sintomas não somente são resultados de alterações hormonais, funcionais e morfológicas próprias desse período, como também está associada a fatores socioeconômicos, refletindo diretamente na saúde integral da mulher (FEBRASGO, 2010).

Os transtornos emocionais e a depressão em particular são interpretados erroneamente como aspectos comuns e cotidianos desse período. Destaca-se que os sintomas somáticos apresentados nesta fase são ampliados na presença de manifestações depressivas, o que afeta diretamente a sua qualidade de vida (REAL MGA et al, 2018).

Resultante de diversas interações de fatores, a depressão é um transtorno que possui como manifestações mais comuns o humor depressivo, sentimentos de vazio e tristeza, perturbações do sono irritabilidade, a diminuição do interesse ou prazer, além de alterações nos aspectos cognitivos, psicomotores e vegetativos (SANTOS BER, et al., 2020). Em estimativa de 2015, a OMS aponta que 322 milhões de pessoas sofrem de depressão no mundo, com um aumento de 18,4% em uma década, entre 2005 e 2015. No mesmo relatório é

destacado que a doença afeta mais a população feminina com prevalência de cerca de 7,5% em mulheres adultas na faixa etária entre 55 a 74 anos (WHO, 2017).

A construção social e cheia de estereótipos acerca do papel da mulher na sociedade geram impactos negativos na sua saúde mental, emocional e física, afetando o seu convívio familiar e social. A Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia - FEBRASGO (2010) aponta que o risco da incidência de depressão em mulheres sem antecedentes é maior durante a fase do climatério.

O Brasil é o país com a maior incidência da doença na América Latina, na qual afeta 5,8% de brasileiros (WHO, 2017). É uma doença que possui um grau elevado de sobrecarga e gera um forte impacto na vida de uma pessoa e dos seus familiares, caracterizando-se como uma questão de saúde pública (ABELHA L, 2014). Nesta perspectiva, destaca-se o papel da enfermagem para promoção da melhoria da qualidade de vida da mulher climatérica, através do acompanhamento e da educação em saúde como forma de compreensão e prevenção dos sintomas (ANDRADE DBS, et al., 2018).

Diante do contexto, a abordagem do tema torna-se necessária uma vez que as alterações, principalmente de ordem psicossocial e afetiva, afetam diretamente a qualidade de vida e acarretam consequências para a saúde em longo prazo (BRASIL, 2016). Nesse sentido, este artigo tem como objetivo geral demonstrar os indicadores de depressão em mulheres durante o climatério.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo observacional, com corte transversal, base populacional e de abordagem quantitativa, desenvolvido em uma Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF) localizado na zona Centro-Sul da cidade de Manaus – AM. O estudo atendeu à Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), tendo sido aprovado sob o parecer de número 5.157.775 e CAAE: 51031421.8.0000.5020.

Foram envolvidas nesta pesquisa 77 mulheres, na faixa etária entre os 40 e 65 anos, que compareceram para consulta/atendimento de ginecologia e clínica geral. O cálculo amostral ocorreu com a aproximação do tamanho mínimo de 110 mulheres atendidas mensalmente, na qual a margem de erro na área das ciências da saúde pode variar em 5%, com um intervalo de confiança de 95%, em uma população homogênea.

A coleta de dados foi realizada nos meses de fevereiro e março de 2022, por meio de entrevista estruturada, que durou em média 15 minutos, com a aplicação e preenchimento dos formulários por meio do autorrelato da população amostral, que foram devidamente esclarecidas sobre os riscos e benefícios da pesquisa e aceitaram participar livremente da pesquisa com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídas mulheres em uso de terapia endócrina (hormonioterapia), em uso de medicamentos que interferem no ciclo menstrual e em tratamento de sintomas associados ao climatério, tais como ansiolíticos e antidepressivos.

As variáveis avaliadas foram: sintomas somato-vegetativos, como falta de ar, suores, calores, mal-estar do coração, problemas de sono, problemas musculares e nas articulações. Sintomas psicológicos, estado de ânimo depressivo, irritabilidade, ansiedade, esgotamento físico e mental. Sintomas urogenitais: problemas sexuais, problemas de bexiga e ressecamento vaginal. Sintomas e manifestações sugestivas de depressão.

Para avaliação da sintomatologia presentes no climatério utilizou-se a versão brasileira do *Menopause Rating Scale (MRS)*, a Escala de Avaliação da Menopausa, instrumento padronizado e validado no Brasil em 2002 que apresenta 11 questões distribuídas em 3 domínios: sintomas somato-vegetativos, psicológicos e urogenitais. Os resultados são obtidos através do somatório da pontuação que permite a classificação de acordo com a severidade, na qual de 0-4 são considerados assintomáticos ou escassos, de 5-8 são sintomas leves, 9-15 moderados e acima de 16 são severos. A ferramenta analisa a intensidade dos sintomas presentes no climatério e o impacto da qualidade de vida da mulher (HEINEMANN LAJ, et al., 2003).

Para levantamento da manifestação dos sintomas depressivos foi aplicado o Inventário de Depressão de Beck (Beck Depression Inventory, BDI), uma escala psicométrica e de auto relato (BECK AT, et al., 1961),

validada e aceita internacionalmente. Revisada em 1996 para ser mais consistente com os critérios do DSM-IV para a depressão, sua adaptação no Brasil foi concluída em 2001 e tem sido amplamente utilizada na clínica e em pesquisa com pacientes não psiquiátricos e também na população geral (CUNHA JA, 2001). É composta por 21 itens, que abrange sintomas e atitudes, na qual a intensidade varia de 0 a 3. Os itens referem-se à tristeza, pessimismo, sensação de fracasso, falta de satisfação, sensação de culpa, sensação de punição, autodepreciação, autoacusações, ideias suicidas, crises de choro, irritabilidade, retração social, indecisão, distorção da imagem corporal, inibição para o trabalho, distúrbio do sono, fadiga, perda de apetite, perda de peso, preocupação somática, diminuição de libido. Considerou-se os valores menores que 10 = ausência de depressão ou depressão mínima; de 10 a 18 = depressão, de leve a moderada; de 19 a 29 = depressão, de moderada a severa; de 30 a 63 = depressão severa (BECK AT, et al., 1988).

As informações coletadas foram digitadas no software Microsoft Excel e, após o banco de dados feito, foram transferidas e trabalhadas no software estatístico SPSS 22.0, onde foi realizado a análise de dados por meio de tabelas. Por se tratar de um estudo com variável quantitativa, foram analisadas as medidas de centralidade, de variabilidade e amplitude, feito para organizá-las e sintetizá-las de forma a obter as informações necessárias do conjunto de dados para responder às questões que serão investigadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra é composta por 77 mulheres, com faixa etária entre 40 e 65 anos, atendidas por uma Unidade Básica de Saúde da Família, localizada na região Centro-Sul de Manaus. Após entrevista e aplicação dos questionários, chama-se atenção que entre as participantes, a presença de sintomatologia em 96,1% das entrevistadas, na qual um elevado número de mulheres (74%) está no grau severo de condição biopsicossocial de acordo com as respostas apresentadas no questionário MRS, que avalia sintomas somato vegetativos, psicológicos e urogenitais, como consta na **Tabela 1**.

Tabela 1 - Sinais e sintomas do climatério apresentados pelas participantes da pesquisa na UBSF, de acordo com o MRS, n=77.

Classificação MRS	N	%
Ausente ou ocasional	3	3,9%
Leves	8	10,4%
Moderados	9	11,7%
Severos	57	74%
Total	77	100

Fonte: Moraes EBS, et al., 2023.

Aranha JS, et al. (2016) apontam que as manifestações dos sinais e sintomas do climatério são variadas, caracterizadas por alterações metabólicas que podem trazer consequências de ordem física, social e psicológica, na qual cada mulher pode vivenciá-los de modo singular podendo comprometer as condições relacionadas ao seu bem-estar integral. Silva IM, et al. (2022), em Canoas-RS, analisaram os sinais e sintomas do climatério/ menopausa e sua relação com a qualidade de vida em mulheres numa UBS, com o instrumento MRS e também constataram que as mulheres no climatério apresentam sinais e sintomas moderados a muito graves que comprometem a sua qualidade de vida.

A **Tabela 2**, mostra a frequência em que aparecem os sintomas, classificados de acordo com a resposta das participantes. Chama-se a atenção para alguns sintomas que estão com altos índices de severidade em detrimento dos demais, como a Irritabilidade (33,8%), Problemas de sono (32,5%), Problemas musculares (31,2%), Esgotamento Físico e Mental (28,6%) e Ansiedade (28,6%).

Tabela 2 - Sinais e sintomas do climatério apresentados pelas participantes da pesquisa na UBSF, de acordo com o MRS, n=77.

Classificação MRS	Escassos	Assintomáticos	Leves	Moderados	Severos
Variáveis somato-vegetativos	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)
Falta de ar, suores e calores	18 (23,4%)	13 (16,9%)	17 (22,1%)	9 (11,7%)	20 (26%)
Mal estar do coração	22 (28,6%)	14 (18,2%)	19 (24,7%)	10 (13%)	12 (15,6%)
Problemas de sono	18 (23,4%)	8 (10,4%)	11 (14,3%)	15 (19,5%)	25 (32,5%)
Problemas de sono	18 (23,4%)	8 (10,4%)	11 (14,3%)	15 (19,5%)	25 (32,5%)
Problemas musculares	10 (13%)	10 (13%)	16 (20,8%)	17 (22,1%)	24 (31,2%)
Variáveis psicológicas	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)
Estado de ânimo depressivo	18 (23,4%)	11 (14,3%)	15 (19,5%)	15 (19,5%)	18 (23,4%)
Irritabilidade	11 (14,3%)	11 (14,3%)	19 (24,7%)	10 (13%)	26 (33,8%)
Ansiedade	15 (19,5%)	11 (14,3%)	12 (15,6%)	17 (22,1%)	22 (28,6%)
Esgotamento físico e mental	12 (15,6%)	11 (14,3%)	21 (27,3%)	11 (14,3%)	22 (28,6%)
Variáveis urogenitais	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)	N (%)
Problemas sexuais	22 (28,6%)	12 (15,6%)	8 (10,4%)	12 (15,6%)	23 (29,9%)
Problemas de bexiga	38 (49,4%)	11 (14,3%)	6 (7,8%)	10 (13%)	12 (15,6%)
Ressecamento vaginal	35 (45,5%)	8 (10,4%)	13 (16,9%)	2 (2,6%)	19 (24,7%)

Fonte: Moraes EBS, et al., 2023.

Corroborar o achado de Campos CS, et al. (2021), que analisaram os sinais e sintomas de mulheres climatéricas em UBS ribeirinhas no município de Itaituba no Estado do Pará. Os sintomas mais frequentes foram falta de ar e dores musculares (67% cada um), problemas de sono (65%), dores reumáticas e nas articulações (63%) e irritabilidade e ansiedade (64% cada um). A mediana do escore total do MRS mostrou ser moderada a sintomatologia das mulheres ribeirinhas da região em estudo. Tais evidências mostram a importância que os profissionais de saúde, em especial os enfermeiros, estejam preparados para identificar e orientar as mulheres nesse período.

Na sequência, a manifestação de sintomas indicativos de depressão por meio do BDI demonstrou-se significativa, apresentando-se em 74% das mulheres entrevistadas. Através das análises realizadas, 42,9% foram classificadas com depressão de leve a moderada, seguido por 24,7% que apresentam depressão de moderada a severa, somente 6,5% das participantes foram classificadas quanto a depressão no grau severo, enquanto 26% classificaram-se no status de ausência de depressão ou depressão mínima (**Tabela 3**).

Tabela 3 - Sugestão de diagnóstico da depressão das participantes da pesquisa na UBSF, de acordo com o BDI, n=77.

Classificação BDI	N	%
Ausência de depressão ou depressão mínima	20	26%
Depressão de leve a moderada	33	42,9%
Depressão de moderada a severa	19	24,7%
Depressão severa	5	6,5%
Total	77	100

Fonte: Moraes EBS, et al., 2023.

Por meio de análise das respostas do BDI, notam-se que os sinais e sintomas de depressão mais frequentes relatados pelas participantes do estudo estão relacionados aos itens referentes à Fadiga, Distúrbio do sono, Preocupação somática, Diminuição da libido e Falta de satisfação.

A Fadiga, foi destacada por 65 mulheres, observadas, respectivamente, nas falas “Fico cansada com mais facilidade do que costumava” por 71,4% das entrevistadas, além de “Sinto-me cansada ao fazer quase qualquer coisa” por 11,7% e “Estou cansada demais para fazer qualquer coisa” em 1,3%. Em estudo exploratório, observacional e descritivo realizado em 48 mulheres, entre 38 e 59 anos, na Cidade do México, Real AMG et al. (2017) relatam o cansaço físico e mental, assim como a alteração na concentração e insônia como sintomas mais prevalentes, reforçando os aspectos encontrados no presente trabalho e ressaltando a importância do estudo de fatores psicossociais que afetam o período do climatério.

Em seguida, o Distúrbio do sono foi marcado por 62 mulheres, demonstrados pelas falas: “Não durmo tão bem quanto costumava” em 49,4%, “Acordo uma ou duas horas mais cedo do que de hábito e tenho dificuldade para voltar a dormir” por 20,8% e “Acordo várias horas mais cedo do que costumava e tenho dificuldade para voltar a dormir” em 10,4%. Em estudo conduzido por Lima AM et al. (2019), também apontaram a perda da qualidade de sono durante o climatério, contribuindo para o comprometimento dos fatores como a idade avançada, a apresentação de sintomas climatéricos de grau moderado a intenso, ansiedade e depressão de moderada a grave.

A Preocupação somática demonstrou-se em 57 casos, sendo assinalado: “Preocupo me com problemas físicos como dores e aflições ou perturbações no estômago ou prisão de ventre” por 63,6%, “Estou muito preocupada com problemas físicos e é difícil pensar em outra coisa que não isso” em 6,5% e “Estou tão preocupada com meus problemas físicos que não consigo pensar em outra coisa” por 3,9%. Real AMG et al. (2018) observaram que os sintomas relativos à insônia e dores musculares e nas articulações apresentam um aumento significativo na presença de manifestações depressivas, afetando diretamente a qualidade de vida da mulher.

A Diminuição da Libido apresentou-se em 53 casos, sendo assim relatada: “Estou menos interessado por sexo que costumava” (46,8%), “Estou muito menos interessado por sexo agora” (14,3%) e “Perdi completamente o interesse por sexo” (7,8%). Valença CN (2010) destaca que o climatério é caracterizado pelas mudanças hormonais e metabólicas e perda gradativa da capacidade de reprodução assim como alterações na libido apresentam um impacto negativo que necessita de atenção para a percepção da mulher sobre seu próprio corpo, por intermédio de profissionais de saúde com a utilização da educação em saúde, evitando conflitos de ordem psicológica.

No que se refere a sensação de descontentamento, o item Falta de satisfação esteve presente em 50 mulheres, sendo assinalado: “Não sinto mais prazer nas coisas como antes” em 51,9%, “Não encontro um prazer real em mais nada” em 6,5% e “Estou insatisfeito ou aborrecido com tudo” em 6,5%. Os itens referentes a Tristeza e Irritabilidade apresentaram-se ambos em 46 das entrevistadas, na qual assinalaram, respectivamente: “Eu me sinto triste” (49,4%), “Estou sempre triste e não consigo sair disso” (6,5%), “Estou tão triste e infeliz que não consigo suportar” (3,9%), “Fico aborrecido ou irritado mais facilmente do que costumava” (41,6%) e “Atualmente me sinto irritado o tempo todo” (18,2%).

As alterações do humor e comportamento, desânimo, tristeza, irritabilidade, nervosismo, além do aumento da vulnerabilidade a transtornos psíquicos são algumas das implicações psicológicas que a mulher manifesta durante a transição do período reprodutivo para o não reprodutivo de acordo com Martins KMS et al. (2021), ressaltando a importância da promoção da saúde e a construção de vínculos entre profissionais da saúde e essas mulheres.

A relação entre a depressão e o climatério é abordada por Vieira SS et al. (2021) que apontam que as mudanças presentes durante o período do climatério são fatores determinantes para a progressão de quadros depressivos em mulheres, em destaque para alterações do humor, mudanças e flutuações hormonais. Em estudo de Rocha LPO (2017), a presença significativa de sintomas depressivos no climatério apresentou-se em 91,5% das entrevistadas, na faixa etária de 40 e 55 anos, apresentando o grau severo da depressão em

38,9%, com destaque aos itens Diminuição da libido e Preocupação somática, presentes, respectivamente, em 95% e 91,5% das mulheres.

Ressalta-se que a aplicação de questionários de autorrelato como o MRS e o BDI estão sujeitos a algumas limitações metodológicas, uma vez que a avaliação e percepção de cada item por parte das participantes pode apresentar uma distância significativa de suas reais tendências comportamentais, necessitando de habilidade introspectiva e podendo ser influenciado pelo comportamento apontado como socialmente aceito. Cabe destacar que durante as aplicações das entrevistas, muitas das participantes referiram desconhecimento sobre o climatério e da menopausa, assim como suas manifestações características e as repercussões deste período na saúde da mulher.

É oportuno considerar a falta de compreensão do climatério, uma vez que o período é afetado por elementos psicossociais e culturais que demandam uma visão holística, na qual o conhecimento deve ser compartilhado de modo intrínseco à sensibilidade (LORENZI DRS, et al., 2009). Sabóia BA, et al. (2021) e Bisognin P, et al. (2022) reforçam a necessidade de acolhimento qualificado, considerando vivências e singularidades, voltados para promoção do autoconhecimento e da autonomia da mulher, tornando-a protagonista das ações inerentes a sua saúde e prevenindo agravos.

Patrício RSO, et al. (2020) apontam a integralidade como fator estratégico para o autocuidado, na qual o trabalho interdisciplinar é fundamental para a promoção da saúde destas mulheres, ampliando suas percepções por meio do diálogo e de uma escuta sensível, visando a melhoria da sua qualidade de vida. Diante disso, Andrade DBS, et. al (2018), Curta JC e Weissheimer AM (2020) ressaltam a importância da enfermagem, ao agir de modo interprofissional, na promoção da conscientização acerca do climatério e sobre a prática do autocuidado, respeitando e adaptando de acordo com a individualidades destas mulheres, além da prevenção dos sinais e sintomas desagradáveis que influem negativamente na saúde.

Portanto, torna-se necessário a análise dos problemas desta fase em sua totalidade em vista da complexidade existencial que permeia a vida da mulher climatérica. Dentro do âmbito assistencial, o profissional de enfermagem tem como responsabilidade identificar as necessidades básicas afetadas do usuário, que interferem no seu bem-estar. Através das informações coletadas e com colaboração da equipe multidisciplinar, a enfermagem busca planejar e implementar medidas que visam a promoção da saúde, proteção, recuperação ou reabilitação das mulheres climatéricas, o que inclui um cuidado acessível e livre de julgamentos, considerando sua história de vida e seu contexto sociocultural, tendo em vista que muitos desses fatores influenciam no processo de saúde e doença dessa população.

CONCLUSÃO

Os sintomas apresentados durante o climatério geram impacto na qualidade de vida dessas mulheres, podendo-se inferir que são fatores determinantes para a manifestação de quadros depressivos que demandam uma atenção integral para as necessidades da saúde da mulher, principalmente no que se refere à saúde mental. A escassez de informações sobre o tema, assim como a falta de um espaço para verbalização das experiências vivenciadas durante esta fase foram apontadas pela a maioria das participantes deste estudo, ocasionando em lacunas de desentendimento acerca das alterações desta fase. Portanto, faz-se necessário um atendimento e acompanhamento multiprofissional capacitado, proporcionando um espaço acessível que possibilite a identificação e prevenção de sinais e sintomas climatéricos, evitando altos graus de severidade e a apresentação de sintomatologia depressiva. Neste contexto, demonstra-se essencial a assistência de enfermagem à mulher durante o período do climatério por meio de um cuidado qualificado e humanizado, atuando na prevenção de condições evitáveis, com a detecção precoce de sintomas sugestivos de depressão para encaminhamento da paciente para assistência especializada em tempo oportuno.

AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO

À Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e ao Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), responsáveis por proporcionar o desenvolvimento deste artigo.

REFERÊNCIAS

1. ABELHA L. Depressão, uma questão de saúde pública Depression, a matter of public health. *Cad. saúde colet.*, 2014; 22(3): 223.
2. ARANHA JS, et al. Climatério e menopausa: percepção de mulheres usuárias da estratégia saúde da família. *Temas em Saúde*, 2016; 16(2): 588-612.
3. ANDRADE DBS, et al. O papel do enfermeiro nos cuidados de enfermagem com mulheres no período climatérico. *Revista de Divulgação Científica Sena Aires*, 2018; 7(1): 18-22.
4. BECK AT, et al. An inventory for measuring depression. *Archives of general psychiatry*, 1961; 4(6): 561-571.
5. BECK AT, et al. – Psychometric Properties of the Beck Depression Inventory: Twenty-Five Years of Evaluation. *Clinical Psychology Review*, 1988; 8:77-100.
6. BISOGNIN P, et al. Saberes e práticas de cuidado à saúde no climatério. *J. nurs. health*. 2022; 12(2): e2212220445.
7. BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres / Ministério da Saúde. Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa – Brasília: Ministério da Saúde. 2016. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolos_atencao_basica_saude_mulheres.pdf. Acessado em: 6 de outubro de 2021.
8. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Manual de atenção à mulher no climatério/menopausa. Brasília (DF). 2008. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_atencao_mulher_climaterio.pdf. Acessado em: 8 de outubro de 2021.
9. BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil*, 2013; 150(112). Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acessado em: 15 de janeiro de 2021.
10. CAMPOS CS, et al. Sintomas do climatério/menopausa em mulheres ribeirinhas na Amazônia. *Revista Kairós-Gerontologia*, 2021; 24(1): 531-546.
11. CUNHA JA. Manual da versão em português das Escalas Beck. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
12. CURTA JC e WEISSHEIMER AM. Percepções e sentimentos sobre as alterações corporais de mulheres climatéricas. *Rev. Gaúcha Enferm.*, 2020; 41: e20190198.
13. FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA. Manual de Orientação Climatério. São Paulo: Febrasgo, 2010. Disponível em: https://www.febrasgo.org.br/images/arquivos/manuais/Manuais_Novos/Manual_Climaterio.pdf. Acesso em 07 de outubro de 2020.
14. FREITAS EV, et al. Tratado de geriatria e gerontologia. 4a Edição – [Reimpr.] – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.
15. HEINEMANN LAJ, et al. International versions of the Menopause Rating Scale (MRS). *Health and Quality of Life Outcomes*, 2003; 1: 1-4.
16. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Tábua completa de mortalidade para o Brasil: análises e tabelas – 2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=73097>. Acessado em: 2 de fevereiro de 2023.
17. LORENZI DRS. et al. Assistência à mulher climatérica: novos paradigmas. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2009; 62(2): 287-293.
18. LIMA AM, et al. Perda de qualidade do sono e fatores associados em mulheres climatéricas. *Ciência & Saúde Coletiva [online]*. 2019; 24(7): 2667- 2678.
19. MARTINS KMS, et al. O climatério e suas implicações psicológicas na saúde da mulher-uma revisão bibliográfica. *RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218*, 2021; 2(11): e211927.
20. PATRÍCIO RSO, et al. Ações de enfermagem na promoção da saúde e qualidade de vida de mulheres no climatério. *Revista Eletrônica Acervo Enfermagem*, 2020; 4, e4782.
21. REAL MGA, et al. Cambios biopsicosociales durante el climaterio: síntomas somáticos, insomnio y manifestaciones depresivas. *Revista Kairós- Gerontologia*, 2018; 21(2): 09-30.
22. REAL MGA, et al. Climatério, saúde e depressão, uma abordagem psicossocial: Estudo exploratório com um grupo de mulheres da cidade do México. *Revista Kairós: Gerontologia*, 2017; 20(1): 09-23.
23. ROCHA LPO. Fatores de risco para a depressão em mulheres no climatério. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017; 51p.
24. SABÓIA BA, et al. Assistência de enfermagem à mulher no climatério e menopausa: estratégia de inclusão na rotina das unidades básicas de saúde. *Scire Salutis*, 2021; 11(3):80-89.

25. SANTOS BER, et al. A perspectiva da sociedade acerca da depressão: um estudo quali-quantitativo. *Revista Científica UMC*, 2020; 5(2).
26. SILVA IM, et al. A percepção das mulheres sobre os sinais e sintomas do clima/menopausa e sua relação com a qualidade de vida. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 2022; 11(4); e38811427374.
27. VALENÇA CN, et al. Mulher no climatério: reflexões sobre desejo sexual, beleza e feminilidade. *Saúde soc.*, São Paulo, 2010; 19(2): 273-285.
28. VIEIRA SS, et al. Relação entre depressão e climatério: uma revisão da literatura. *Revista Educação em Saúde*, 2021; 9.
29. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Depression and other common mental disorders: global health estimates. World Health Organization, 2017. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/254610/1/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf?ua=1>. Acessado em: 25 de outubro de 2021.
30. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Research on the menopause in the 1990s: report of a WHO scientific group. World Health Organization, 1996. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/41841/WHO_TRS_866.pdf. Acessado em: 2 de novembro de 2021.